DINÂMICAS INTRAMETROPOLITANAS E PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Mario João Figueiredo*

O livro *Dinâmicas intrametropolitanas e produção do espaço na Região Metropolitana de Curitiba*, organizado por Rosa Moura e Olga Firkowski, inicia sua ousadia pelo próprio título, ao pretender analisar as dinâmicas internas à Metrópole das Araucárias, como eu a chamo, bem como a forma de produção de seu espaço urbano.

Ao reunir textos de quase trinta colaboradores, o livro é de certa forma uma síntese do estado da arte no que se propôs tratar, uma vez que reúne opinião de pesquisadores, professores, técnicos de diversas instituições e lideranças dos movimentos sociais. Esta é, talvez, sua maior riqueza.

Apesar de ser uma coletânea de textos, alguns datados, o livro não é um amontoado de escritos desconexos. O leitor, mesmo aquele não muito familiarizado com os assuntos abordados, não terá dificuldades de entendimento porque, apesar de técnicos, os artigos são escritos de forma simples e acessível. Além disso, o leitor perceberá que há um eixo básico que une os diversos textos: a ideia de que a Região Metropolitana de Curitiba, a despeito de todas as suas nuances, é “um espaço único, diverso, heterogêneo e desigual”. Ou seja, é um espaço que, apesar de suas características próprias, é uma síntese da lógica concentradora e excludente do sistema capitalista.

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que os textos presentes no livro fazem uma leitura ampla de vários e importantes aspectos da situação da Região Metropolitana de Curitiba do final do século XX. Ao fazerem isto, abrem possibilidades a todos que desejem continuar a estudar essa porção importante do território paranaense. Também, aos agentes públicos e privados que precisem entender a dinâmica metropolitana para balizar seus investimentos neste novo século. Ou seja, por apresentar uma verdadeira radiografia da metrópole do século passado, os autores dão grande contribuição ao entendimento e construção da metrópole do século XXI. Dessa forma, o conteúdo do livro oferece pistas dos caminhos que a RMC poderá trilhar nos próximos anos a todos os atores que diuturnamente a constroem, a fim de buscarem inseri-la em um contexto moderno. Moderno aqui entendido como a construção de uma metrópole ambientalmente sustentável, socialmente justa e economicamente ativa.

* Doutor em Desenvolvimento Econômico e Técnico da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano do Governo do Paraná (SEDU). E-mail: mariojfigueiredo@yahoo.com.br

A questão metropolitana no Brasil necessita cada vez mais atenção e pesquisa para que os formuladores e executores de políticas municipais, estaduais e nacional, bem como todos os agentes que atuam nesses espaços, possam compreender melhor sua lógica, processos, conflitos e relações internas e externas à mesma. Neste sentido, o livro faz importante contribuição por jogar um pouco mais de luz sobre o entendimento de questões complexas, que vão desde a inserção da metrópole na divisão internacional do trabalho e no mundo globalizado, configuração econômica, atuação do Estado, direitos humanos, entre eles o da moradia, proteção de mananciais, ocupação do território, conflitos econômicos e sociais, até a participação popular.

A Região Metropolitana de Curitiba, além das questões que afetam todas as demais, tem de particularidade o fato de acomodar o principal entroncamento aéreo-rodoviário do Estado, bem como o elo de ligação ao Porto de Paranaguá. Além disso, por estar deitada à sombra da serra do mar, tem a necessidade de preservar as nascentes de rios que nascem em seu seio, em especial o rio Iguaçu, fundamentais para abastecer a Região.

Ao abordar a questão metropolitana do geral para o particular e dividir o livro em duas partes, as organizadoras facilitam a leitura e compreensão dos assuntos. Essa disposição confere maior didatismo à obra. Na parte inicial, a discussão é feita pela internacionalização da Metrópole. O leitor irá encontrar nessa parte do livro um retrato de como o processo de globalização e internacionalização mantém o padrão do modo de produção atual, ou seja, homogeneização, concentração e exclusão. Irá verificar como os frutos desse processo são distribuídos de forma desigual e seletiva. Este, infelizmente, é um processo que se repete na maioria de outras grandes cidades do Brasil e do continente latino-americano.

Ainda no contexto da internacionalização, segue-se uma rica discussão sobre o processo de integração socioespacial e suas consequências em relação à distribuição de tarefas. O livro mostra como Curitiba vai se transformando, cada vez mais, em uma cidade prestadora de serviços, mesmo mantendo e ampliando sua cidade industrial. Discute-se com clareza e simplicidade o significado e implicação dessa transformação para a cidade em si e para seus habitantes, bem como das demais cidades da região.

Os textos desta parte da publicação se complementam ao tratarem da integração econômica da região à economia internacional e da ação agressiva de *marketing*, colocando Curitiba como cidade referência em urbanismo. Tratam também da luta pela locação de indústrias durante o período de desconcentração industrial ocorrido no País, mostrando alguns de seus resultados, incluindo a área fiscal e trabalhista.

Nesse sentido, a pífia geração de empregos no período, em linha com o restante do País, demonstrou que o modelo seguido pelas autoridades nacionais e paranaenses foi incapaz de reduzir o fosso social existente à época. Ao contrário, houve aumento da taxa de desemprego de 5,7% para 7,7%, entre 1995 e 2001, como ressaltado em um dos artigos.

A relação entre a economia do Estado e o mercado de trabalho põe a nu mais um dos mitos tornados verdadeiros pela pesada ação de marketing, tão bem ressaltada no livro. Diferentemente do que apregoava o discurso oficial, não houve alteração do perfil econômico do Estado e sim elevação do grau de sua diversificação. Para os autores do artigo, o governo, por meio da massiva propaganda oficial, virtualiza um cenário de transformação e autonomia da dinâmica da economia do Estado que não existiu. Ou, se existiu, não foi na dimensão apregoada.

A questão social também é tratada no livro. Os textos demonstram como a perversidade do modelo atinge a população mais pobre em toda sua extensão. Ora, é na área social que a ação ou omissão do Estado se faz sentir de forma mais explícita. Cabe ao Estado se contrapor à ação concentradora e excludente do capital. Quando ele deixa de cumprir esse papel agindo em sentido oposto, tal como ocorre no período que o livro abrange, o resultado é fácil de ser mensurado. No Paraná esse processo é notório, seja pelas altas taxas migratórias de sua população, seja pelo aumento da favelização e da violência. A questão habitacional é tratada tanto em Curitiba quanto na Região Metropolitana. É abordada como direito fundamental da pessoa humana e garantia de condições dignas de vida da população. Os autores mostram que esse direito e garantia não alcança a grande maioria da população pobre da Região, incluindo os que vão sendo “empurrados” para fora da Capital, pelo processo de valorização imobiliária. E como resultado têm-se habitações precárias e ocupações irregulares e de risco. Assim, os trabalhadores, em especial as mães trabalhadoras que cumprem dupla jornada – em casa e no trabalho –, moram cada vez mais distante de seus locais de trabalho, despendendo até quatro horas de seu dia em um sistema de transporte que, apesar da propaganda oficial, os transporta sem o mínimo de conforto e segurança. Importante ressaltar que o livro não se limita a discutir o problema da moradia. Vai além e oferece sugestões para o aprimoramento da política habitacional.

Os direitos humanos em seu conjunto também são motivo de atenção dos autores, contextualizando-os com o processo de globalização. Permito-me chamar a atenção para a relevância do fato em si, uma vez que eles devem ser garantidos a todos, independente de onde habitem. Não importa que seja no interior, em pequenas cidades, em regiões metropolitanas, como a de Curitiba, ou em centros ainda maiores, como São Paulo.

A segunda parte do livro trata da “Metrópole Transformada”, que adentra a primeira década dos anos 2000. Inicia-se com a reafirmação de que o espaço urbano-regional é produzido, sob o modelo econômico vigente, pela interação de processos socioespaciais que levaram à concentração e exclusão de bens, pessoas, capitais, tecnologia, conhecimento, miséria, violência etc. O resultado é um desequilíbrio visível desse espaço metropolitano em relação ao restante do Estado do Paraná.

O movimento pendular, assunto relevante em toda aglomeração urbana, também é avaliado no livro. O conhecimento desse movimento permite aos gestores públicos e privados planejarem melhor seus investimentos, especialmente na área

de infraestrutura urbana. É possível, a partir do livro, pensar-se questões estruturantes como a mobilidade, moradia, condições e possibilidades de trabalho, atendimento à saúde, educação e lazer, de forma menos excludente. Ouso afirmar que um dos pontos mais polêmicos da Região Metropolitana de Curitiba, a ser debatido nos próximos anos, será a mobilidade. Esse debate, espera-se, deverá forçar criteriosa crítica à atual infraestrutura viária, gravemente assentada sob um único modal. O livro oferece elementos a serem considerados nessa crítica necessária, por ser a infraestrutura viária atual um dos agentes importantes de segregação social e municipal e de fortes impactos na qualidade de vida da população da Região.

Outro tema espinhoso para a Região Metropolitana também resgatado nessa parte da publicação é a ocupação urbana em áreas de mananciais. Esse resgate permite a reflexão sobre a importância de se discutir o crescimento e adensamento da região em sua porção leste, em detrimento do oeste metropolitano. Além de se distanciar do restante do Estado, a concentração de investimentos nessa porção de território compromete cada vez mais os mananciais de abastecimento da região, com todas as implicações decorrentes desse tipo de ocupação. A discussão de Planos Diretores Municipais para os municípios tem mostrado que essa questão não tem solução fácil, especialmente pela lógica do capital.

Destaco outro assunto relevante tratado no livro, alertando o leitor que com isso não esgote todo o conteúdo dos diversos artigos que compõem a publicação – a Governança Metropolitana, uma das questões mais necessárias e difíceis de enfrentar. O modelo vigente não dá conta da complexidade do assunto. Há muito a ser discutido. Como gerir o espaço metropolitano sem ferir a soberania dos municípios e do Estado? Como deve ser a representação social no novo modelo? A chamada democracia representativa – via parlamento – cederá lugar à democracia direta dos conselhos? Esses conselhos serão mesmo representativos da sociedade? Ou reproduzirão o modelo, com instituições sem o menor respaldo social? Faz bem o livro em abrir o debate sobre o assunto, sobretudo por focar a importância dos conselhos como nova forma de gestão participativa.

Além disso, há uma questão de suma importância para o desenvolvimento do Estado que é o desequilíbrio existente entre a Região Metropolitana de Curitiba e o restante do Paraná. Ao tratar de tais desequilíbrios os autores abrem espaço, ao juízo deste escrevinhador, para uma nova pesquisa, desta vez mais voltada à relação entre a Metrópole das Araucárias e o restante do Estado, discutindo o significado e as consequências de tamanha concentração em uma porção do território paranaense. Aqueles que forem trabalhar no assunto terão nos escritos dessa publicação indicativos importantes para buscar fórmulas que permitam a redução da concentração populacional, econômica e política enquanto premissas de políticas para o desenvolvimento do Estado.

Concluindo, reitero que o livro permite ao leitor adquirir uma visão ampla do processo de mudanças por que passaram Curitiba, a Região Metropolitana e, em consequência, todo o Paraná, nas duas últimas décadas do século XX. Permite, ainda,

um melhor posicionamento frente aos possíveis rumos que a região e o Estado poderão tomar no primeiro quartel do século atual. Aos atores diretos na construção cotidiana da Metrópole das Araucárias, especialmente os movimentos sociais e agentes públicos e privados engajados na construção de espaços dignos para se viver, o livro oferece uma excelente base de conhecimento da complexidade de fenômenos e interesses que são jogados no tabuleiro do xadrez metropolitano. Enfim, fornece pistas que mostram ser possível se contrapor à lógica perversa do capital. Mostra a importância de governantes e dirigentes empresariais e de trabalhadores e da sociedade em geral na construção de uma metrópole justa, humana e democrática.

Eu recomendo a leitura.